O CCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000		
Extrangeiro e India.....	5$000	2$500		

35.º Anno — XXXV Volume — N.º 1192

10 de Fevereiro de 1912

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CRONICA OCCIDENTAL

Uma *Gazeta de Holanda* que não se sabe será aquela que, em suas columnas troçava do amaricado e infeliz principe Cornelio Gil da *Gran Duquesa* de alegre memoria, deu-lhe agora para entreter o espirito dos seus leitores holandêses com noticias de sensação a respeito dos dominios coloniaes de Portugal e particularmente da colonia de Timôr, escrevendo o seguinte:

.....

«Existirá em Berlim, quem tenha interesse, na difusão de semelhantes noticias? Assim o crê o nosso colega (o *Nieuwe Couram*). Pelo que nos diz respeito, registraremos a enorme quantidade de noticias sensacionaes relativas a Portugal, que sempre nos chegam por Berlim. Dir-se-hia que certos membros da colonia portuguêsa nas margens do Sprée entreteem os seus ocios dando se o prazer de inquietar as chancelarias.

A cessão de Timôr á Alemanha naufragaria numa quasi impossibilidade de realisação. Os Paises Baixos possuem, de facto, metade dessa ilha, e nem sempre teem tido ocasião de se felicitar pela visinhança dos portuguêses. Os incidentes de Lakmaras que o digam. Não obstante, ha acordos, por varias vezes renovados, entre os dois ocupantes da ilha. O artigo 13.º do tratado de 1904 estipula expressamente o direito de reciproca preempção. Assim, os portuguêses não poderiam ceder o seu territorio a outra nação, a menos que os Paises Baixos se recusassem a adquiril-o por uma quantia equivalente.

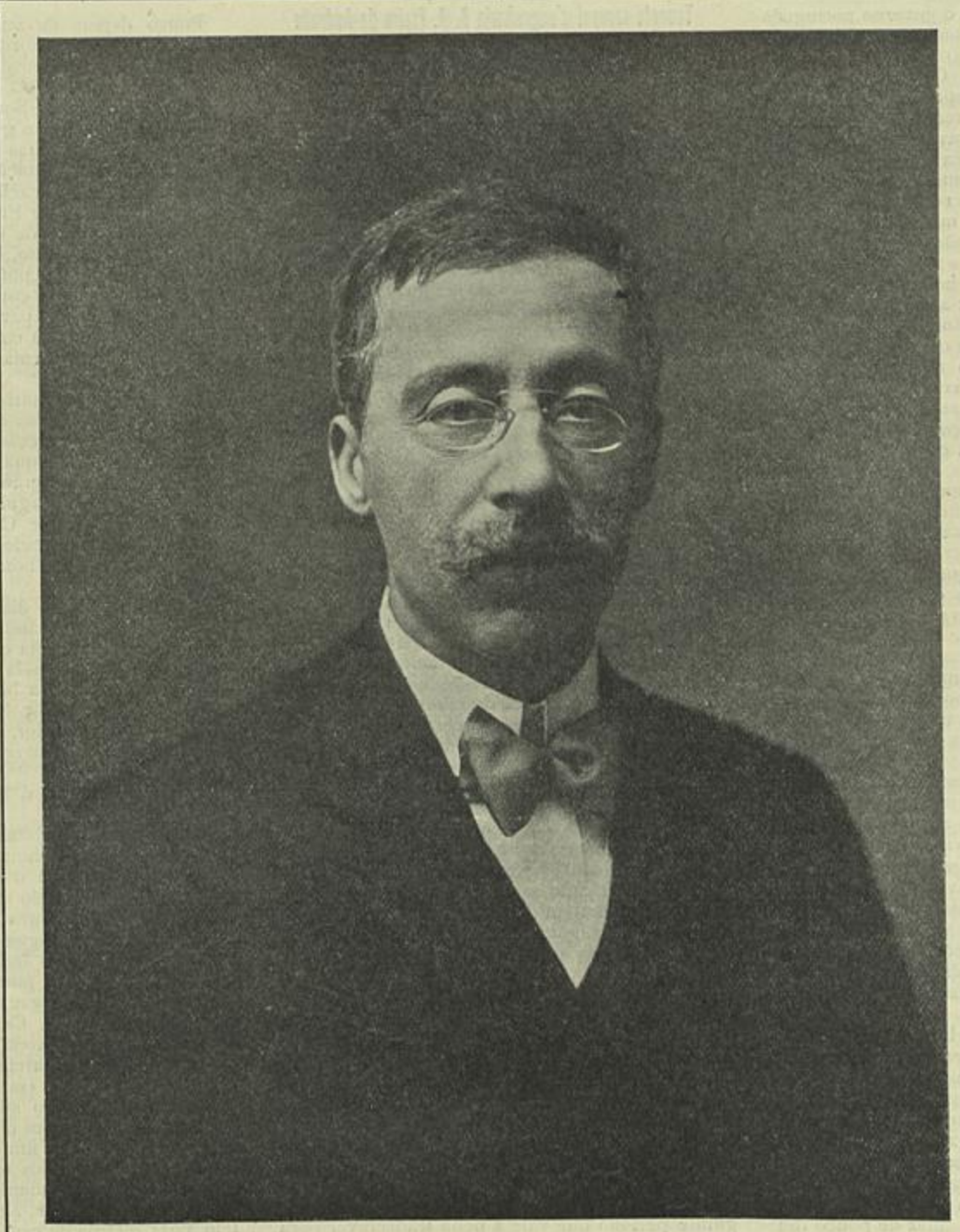
Sobre isto ha, porém, o facto do ministro dos estrangeiros de Portugal ter desmentido formalmente que quaesquer negociações fossem entaboladas sob o ponto de vista da venda de qualquer colonia nacional.»

A mesma gazeta acrescenta, ainda, ser o sr. conde de Penha Garcia que anda tratando de negociações naquele sentído.

Ora a cronica, o que lhe consta ácerca do caso é que o antigo ministro da monarquia, em viagem no estrangeiro ha bastante tempo, tem lá feito varias conferencias sobre as colonias portuguêsas, como as que realisou no Hamburgischem Kolonialinstitut, de Hamburgo, em 23 de janeiro, e no Deutschen Kolonial-Gesellschaft, de Berlim, em 26, conferencia esta de que recebemos um exemplar impresso na bela lingua de Goethe.

Para varrer a sua testada, veio á imprensa o sr. conde de Penha Garcia e, no *Temps*, declarou que, não só não tem relações algumas com o actual governo português, como defendeu sempre a integridade dos dominios coloniaes de Portugal. Precisatemen com esse proposito iniciou uma *tornée* de conferencias nos centros coloniaes mais importantes da Europa, realisando já duas em Hamburgo e Berlim, uma em Bruxellas, devendo efetuar outra em Paris, na Escola das Ciencias Morais e Politicas.

Na conferencia realisada em Berlim, começou o sr. conde de Penha Garcia, por declarar que os seus sentimentos pa-



TENENTE CORONEL D'ENGENHARIA, A. A. FREIRE DE ANDRADE

DIRECTOR GERAL DAS COLONIAS E DELEGADO DO GOVERNO NA CONVENÇÃO DE BRUXELAS

trioticos o levavam a fazer aquelas conferencias sobre o trabalho dos portuguêses nas suas colonias; e a gratidão pela gentileza com que o haviam recebido os delegados alemães, no Congresso Colonial de Brusmick, o obrigava ainiciar essas conferencias ali, demonstrando assim o seu reconhecimento e o seu grande amor patrio em provar quanto tem sido util o trabalho colonial dos portuguêses, que bem merece ser reconhecido pelo mundo civilisado, dando a Portugal o logar honroso que lhe compete entre as nações coloniaes.

Faz em breves traços a historia das conquistas e descobrimentos dos portuguêses, sob a direcção do infante D. Henrique, e da fundação do imperio colonial da India pelo grande Afonso de Albuquerque.

A politica portuguêsa que então dominou na Asia, desviou-se dali nos seculos XVII a XVIII, principiando a sua acção na America do Sul e ahi iniciam os portuguêses esse outro imperio colonial que, não obstante se ter emancipado, fica nas melhores relações com Portugal, sendo uma das maiores glorias para os colonisadores portuguêses.

Com respeito ás nossas colonias de Africa, demonstra que elas estão hoje ocupadas de facto, e delimitadas as suas fronteiras de acordo com as outras potencias. Ha hoje ali construidos 1:500 kilometros de caminhos de ferro e 11:500 de linhas telegraficas com 355 estações.

Esses caminhos de ferro transportaram em 1909, 240:000 passageiros e 826:000 toneladas de mercadorias, produzindo a receita bruta de 15.330:000 marcos, ou sejam uns 3.525:000$000 réis.

Nos ultímos trinta anos o governo português da metrodole concorreu com 266 milhões de marcos (61.180:000$_00 réis) para cobrir o deficit do orçamento colonial. O valor do capital fornecido por Lisboa para empresas coloniaes sóbe a 211 milhões de marcos, cerca de 48.530:000$000 réis. As empresas portuguêsas industriaes e agricolas estabelecidas em Africa representam o valôr de 3:750 milhões de marcos, ou seja réis 862.500:000$000. Em 1880 as receitas publicas nas nossas colonias foram de 7 milhões de marcos e em 1910 elevaram-se a 40 milhões, ou 9.200:000$000 réis.

A eloquencia das cifras é hoje superior á retorica dos melhores discursos; a obra colonial portuguêsa em Africa não é tão estacionaria como alguns pessimistas a querem considerar. Bem ao contrario se prova que éla é progressiva e, se não floresce ainda como seria para desejar, é porque durante bastantes anos se descurou, e agora nos falta o tempo e capital a despeito de todos os esforcos para lhe dar mais rapido incremento.

Entretanto as nossas colonias de S. Thomé e Principe e Lourenço Marques, são já pelo seu estado florescente uma bela afirmação da nossa força colonial.

Não permite o espaço que a cronica siga o ilustre conferente em todos os assuntos da sua vasta conferencia, limitando-se a frisar os seus topicos mais positivos e que maior importancía tem no actual momento.

De facto, não podiam vir mais a proposito estas conferencias, agora que no seio da Alemanha, como na imprensa de outras nações e até na judaica *Gazeta de Holanda*, as colonias portuguêsas andam em almoeda.

A Alemanha, principalmente, volta neste momento a revelar um alto interesse pelas nossas colonias e, em contraste com aquele general alemão que, sem ceremonia, alvitra o espropriai-as, e repartil-as, vem o sr. Singelmann na *Magdeburgische Zeitung*, em desenvolvido artigo, convidar o capital alemão a interessar-se em empresas nas nossas colonias, á semelhança do que tem feito o inglês e o francês. Cita as grandes companhias concessionarias ali estabelecidas com este capital e lamenta a ausencia dos alemães nestas empresas.

Assim, escreve o sr. Singelmann, não será de surpreender que, dada a corrente dos capitaes ingleses para a Africa portuguêsa e a simpatia cada vez mais acentuada de Portugal pela Inglaterra, esta venha a ter todas as preferencias, em prejuizo da Alemanha, se Portugal se resolver a vender ou arrendar algumas das suas possessões coloniaes, não obstante o tratado alglo-alemão de 1898 conferir á Alemanha o direito de opção nessas circunstancias, o que aliaz de pouco lhe valerá se nelas dominarem os capitaes inglêses e francêses.

O ciume é manifesto e o articulista não oculta a sua desconfiança de que esta maior aproximação entre Portugal e a Inglaterra será resultante da presença, em Lisboa, de sir Arthur Hardinge, diplomata e grande colonial, escolhido pela Interra para a representar junto do governo português.

De tudo isto se vê claramente o muito que os nossos dominios coloniaes estão preocupando as potencias que não ocultam as suas pretenções sobre eles, como facilmente se compreende a necessidade de os defendermos por todos os modos que nos sejam possiveis.

O sr. conde de Penha Garcia está prestando um alto serviço patriotico com as suas conferencias, mas isso não basta. E' preciso que o governo português e todos os portuguêses que pódem influir no desenvolvimento das nossas colonias, positiva e praticamente se dediquem a essa grande obra patriotica que se impõe, sem platonismos nem adiamentos.

Não se percam forças em estereis lutas politicas inoportunas nestes tempos positivos em que os povos só se impõem pela boa administração das suas finanças e valor economico, de que tiram a sua força mundial.

Este é que é o assunto palpitante e por isso a cronica o preferiu, pedindo, porventura, desculpa aos seus leitores de, em vez de lhe falar das *gréves* e disturbios, tão condenaveis quanto estereis, lhes sirva esta mistura de colonias e de cifras, pondo a claro o que muitos portuguêses parecem ignorarem ou não quererem saber...

CAETANO ALBERTO.

Tenente coronel d'engenharia A. A. Freire de Andrade

Diretor geral das colonias

Delegado do governo português na cenvenção de Bruxellas reunida a 4 de janeiro n'aquella capital

O OCCIDENTE honra hoje as suas paginas publicando o retrato dum dos mais notaveis homens do nosso país o tenente coronel sr. A. A. Freire de Andrade, o prestigioso ex-governador geral de Moçambique e que o governo agora escolheu para representar os interesses de Portugal na conferencia de Bruxellas, onde se debatem questões que tanto afetam as nossas colonias, como o alcool e o assucar. Nenhum homem *mais bem informado* sobre esses importantissimos assuntos poderia ter sido escolhido, nenhum com tanto merecido prestigio entre os estrangeiros poderia ali ir honrar o nome do velho Portugal pondo tão grandes faculdades de trabalho, lucida inteligencia e vontade patriotica ao serviço dos nossos interesses, como o actual diretor geral das colonias, e n'isto está o mais merecido elogio que se póde fazer ao governo que o nomeou.

O sr. Freire de Andrade não é um desses coloniaes de gabinete que de tudo falam e que muito pouco conhecem: A sua vida desde 1890 tem sido gasta em Africa numa e noutra costa. Pouquissimos portuguêses haverá que tenham palmilhado tantos milhares de kilometros pelo interior de Moçambique como êle tem feito nos estudos do caminho de ferro do Transwaal, delimitação de fronteiras de Manica, do Transwaal, campanha de Gaza e tantos outros trabalhos valiosos de que o país lhe é devedor e que tão respeitado tem feito o seu nome entre todos os nacionaes e estrangeiros que amam o seu país ou a terra que lhes dá hospitalidade.

Peoneiro africano, soldado e estadista, o sr. Freire de Andrade tem dado as suas provas e a sua passagem pelo governo de Moçambique ha de ficar na historia como a mais proficua, honesta e inteligente administração de Portugal colonial nos ultimos 20 anos, em que pese a uma minoria desvairada, identica aquéla que no tempo do grande Albuquerque o abocanhava e intrigava na côrte como agora se tentou fazer, conseguindo aliás afastar de Moçambique o homem que tão preciso era para o seu progresso e desenvolvimento.

Numa representação que os operarios de Lourenço Marques em outubro de 1908 dirigiram ao governo para que o sr. Freire de Andrade voltasse sem demora para Moçambique, lê-se o seguinte periodo que vale a pena transcrever para mostrar a justiça que os mais humildes faziam a este grande colonial:

«Se acaso tudo isso se póde reconhecer nos homens que precederam o actual governador geral, NENHUM dêles porém FEZ, nenhum TRABALHOU como êle, traduzindo em OBRAS as ideias do seu fecundo cerebro; nenhum mostrou essa tenacidade heroica de todos os dias, provada todas as horas sem um desfalecimento, a despeito da falta de recursos, a despeito da falta de poderes, a despeito da luta de um, contra cem perniciosos habitos e contra cem ainda mais perniciosos politicos. E sempre avançando, que o soldo dia seguinte, sempre o encontrou mais adeante na estrada do progresso e do dever. Com êle caminhamos, e se em tão pouco tempo se poude avançar tanto, porque em tanto tempo passado se caminhou tão pouco?»

Como os humildes sinatarios deste documento a historia imparcial ha de fazer inteira e completa justiça a esse homem de raro merecimento e de rara modestia que trabalha e produz, d'olhos fitos só no bem do seu país e cuja politica consiste unicamente em contribuir para o desenvolvimento do nosso patrimonio colonial a que êle tem dedicado a vida inteira e o melhor da sua previlegiada inteligencia.

Viagem de circumnavegação do cruzador «S. Gabriel»

(Continuado do numero antecedente)

De Lourenço Marques a Durban

Pouco depois de amarrarmos em Lourenço Marques, vieram a bordo o capitão do porto, capitão-tenente Guerreiro e o chefe da Estação Naval e commandante da canhoneira *Diu*, capitão-tenente Ferreira de Sousa Retribui estas visitas e fui cumprimentar o gevernador geral, capitão-tenente José de Freitas Ribeiro, com o qual visitei a cidade, nova estação dos caminhos de ferro, Empreza de Panificação a Vapor, edificio dos correios, Instituto de Entomologia, observatorio, etc. Tive occasião de observar os grandes progressos que tem feito, hoje sem duvida a maior e a melhor cidade portugueza fóra da Europa. No dia 17 de janeiro convidei o governador para um almoço a bordo, para agradecer as attenções que s. ex.ª teve para com os officiaes do *S. Gabriel* durante a permanencia d'este navio em Lourenço Marques.

Não sendo necessaria por mais tempo a presença do navio, pelas 9,30 da manhã do dia 21 suspendemos e começámos a navegar em direcção a Durban. Emquanto navegamos na bahia aproveitámos os differentes enfiamentos para determinar desvios da agulha padrão. A's 11,30 contornámos o farol de Cockburn, ás 12,30 tinhamos o da Inhaca pelo travez e navegámos ao longo da costa com bom tempo e vento NE bonançoso.

Na madrugada do dia 22 rondou o vento para SE e SSW, refrescando e trazendo aguaceiros. Navegámos todo o dia com terra á vista por EB e ás 3,10 avistou-se pela prôa o farol de Durban. A's 4,30 mettemos a bordo o piloto que aqui é obrigatorio e pelas 5 horas amarrámos a uma boia no porto interior, perto do couraçado hollandez *De Zeven Provincien*.

De Durban a Port Elisabeth

Não visitava Durban ha 20 annos e vim encontrar este porto muito melhorado. Considero actualmente Durban o primeiro porto africano, pelo facil accesso, pelo abrigo completo que offerece e pela «outillage» de que está provido. A media da altura d'agua sobre o banco da barra nas baixamares foi o anno passado de 34 pés e 3 pollegadas. Entram portanto no porto os maiores navios que navegam n'estes mares em qualquer hora de maré. Com o systema das «sand traps» (ratoeiras de areia) é agora facil manter o canal da barra. As areias veem do sul; fazendo tres grandes covas «sand traps» por meio das dragas sugadoras ao sul do extremo do molhe do sul, as areias cáem n'essas covas e não veem obstruir a barra. No fim de periodos que variam com a frequencia dos temporaes vão as dragas fazer novas covas mantendo-se assim o canal sem n'elle se dragar. No interior do porto existem 3:925 metros de caes acostavel. O servico de embarque de carvão para exportação faz-se no Bluff e a importação de madeiras em Congella, deixando os caes da cidade para o serviço de passageiros e carga geral.

No anno de 1909, entraram e sairam do porto

2:313 vapores e 85 navios de vela. Muitos navios de vapor veem hoje a Durban abastecer-se de carvão e carregar combustivel para outros portos. Em 1909, exportaram se 404:317 toneladas e meteram differentes navios nos paioes 835:001 toneladas. No mez de dezembro findo, exportaram-se 36:837 toneladas e metteram se nos paioes 101:810. O carvão vem das vinte differentes minas, em wagons, directamente para bordo dos navios ou para os batelões quando os navios não queiram atracar. O *S. Gabriel* metteu 171,5 toneladas de carvão da mina St. George fornecido pelos srs. King & Sons ao preço de 16 shillings f. o. b. Apesar do consumo ser de 10 por cento superior ao do bom carvão Cardiff, a economia no preço compensa largamente esse excesso de consumo. Todos os paquetes da Union Castle se abastecem de carvão em Durban. Os serviços publicos no Natal estão a cargo do governo: caminhos de ferro, tramways, luz electrica, agua, «pier» para banhos na praia, Jardim Zoologico, etc. Assim os bilhetes dos tranways dão entrada no Jardim Zoologico e no recinto dos banhos na praia e sendo todos do mesmo preço, 1 1/2 pence, vendem-se aos massos de 3 shillings o que constitue uma grande commodidade para o publico.

Pouco depois de amarrarmos á boia em Durban, vieram a bordo o consul de Portugal, João Miguel Rosa, acompanhado do immediato do capitão do porto e um guarda-marinha desarmado da parte do commandante do couraçado hollandez *De Zeven Provincien*, communicar-me que não trocavam visitas officiaes com o *S. Gabriel*, não por falta de consideração para comnosco mas por não estar ainda a Republica Portugueza reconhecida pelo seu governo. No dia 23 de janeiro fui, acompanhado pelo consul de Portugal, visitar o *chief magistrate* P. Binnes, aqui a primeira auctoridade, e o «mayor» Hollander.

Estas visitas foram nos, no dia seguinte, retribuidas convidando-meo *chief magistrate* para um *lunch* no Durban Club, ao qual assistiu o consul.

No dia 26 entrou no porto o navio de guerra francez *Vaucluse*, com o qual troquei cumprimentos depois de me ter informado que seriam retribuidos. Tive a surpreza de receber a visita de lord Methuen, commandante em chefe das forças militares da Africa do Sul, que, de passagem por Durban, nos desejou cumprimentar. Fui n'essa mesma tarde despedir-me de s. ex.ª a bordo do paquete *Kildonan Castle* em que partiu para East London. No dia 27 mettemos carvão e no dia 28 convidei para um *lunch* a bordo o *chief magistrate* commandante do *Vaucluse* capitão de fragata de Jonquieres e o consul de Portugal.

O consul de Portugal foi muito amavel para com os officiaes do *S. Gabriel*, convidando-os para jantar em sua casa e foi sem duvida devido á sua boa situação que o içarmos a nova bandeira não trouxe a menor difficuldade.

Pelas 4 horas da tarde do dia 28 largámos a boia, saimos do porto e, depois de deixar o pratico, seguimos para o sul. Na madrugada de 29 soprou vento SSW fresco acompanhado de chuva que levantou alguma vaga Vimos ao meio dia ter tido, em 19 horas, uma corrente de 42 milhas a favor, em vista do que apagámos uma caldeira. A's 7,30 avistou-se o farol de Great Fish Point continuando uma corrente a favor de 4 milhas por hora. Pelas 3,30 da manhã do dia 30 appareceu pela prôa o farol do Cabo Recife, ás 4.30 avistou-se o de Port Elisabeth e, continuando a demandar esta bahia, fundeámos ás 6,30 da manhã no ancoradouro dos navios de guerra com 45 braças de amarra.

De Port Elisabeth a Capetown

Pouco depois de fundearmos vieram a bordo o capitão do porto e vice-consul de Portugal, E. L. Martin, que é ali o agente da Union Castle line.

Com este senhor visitei o «mayor» da cidade G. S. Whitehead e o acting civil commisioner e resident magistrate J. M. Richards, e fui convidado a lunchar na sua residencia. De tarde soprou vento NW muito rijo que impossibilitaria as communicações com a terra se o capitão do porto não tivesse muito amavelmente posto á nossa disposição os bons rebocadores do governo. No dia 31 de janeiro foram-me retribuidas as visitas que fiz e foi-me offerecido um *lunch* no Club pelo «mayor» ao qual assistiram o vice-consul de Portugal, dois officiaes do *S. Gabriel* e as principaes auctoridades de Port Elisabeth. Acompanhado pelo «mayor» visitei o Market Hall onde existe um interessante museu, e o mercado das pennas de avestruz, que constituem o mais importante commercio d'esta região.

A cidade de Port Elisabeth gosa d'um muito bom clima, as ruas muito bem cuidadas são tratadas com residuos de petroleo, existem bons edificios, escolas, tranways e luz electrica, e os generos alimenticios, carne, fructas e hortaliças são mais baratos do que em qualquer outro ponto da costa. O porto é muito desabrigado para os ventos do quadrante SE emquanto se não construir o porto artificial projectado. Durante a nossa permanencia, foram os officiaes do *S. Gabriel* feitos socios honorarios do Golf e Lawn-tennis Club.

Com muito bom tempo, suspendemos pelas 6 horas da tade e continuámos a navegar em direcção a Capetown, á vista dos faroes da costa. No dia 1 de fevereiro, encontrámos muito bom tempo. Ceu limpo, vento ESE bonançoso e terra á vista por esttibordo. De tarde cruzámos nm paquete da Union-Castle com o qual falamos pelo telegrapho e á noite o vapor inglez *Maldonado* que comnosco correspondeu por signaes de relampagos.

A conhecida corrente das Agulhas foi por nós encontrada muito mais fraca para oeste de Algoa Bay.

A ella se referem as seguintes estancias dos *Luziadas*, Canto V:

LXVI

«D'aqui fomos cortando muitos dias,
Entre tormentas tristes e bonanças,
No largo mar fazendo novas vias
Só conduzidos de arduas esperanças;
Co'o mar um tempo andámos em porfias;
Que como tudo n'elle são mudanças,
Corrente n'elle achámos tão possante
Que passar não deixava por diante.

LXVII

Era maior a força em demasia,
Segundo para traz nos obrigava,
Do mar, que contra nós alli corria,
Que por nós a do vento que assoprava.
Injuriado Noto da porfia
Em que co'o mar parece, tanto estava
Os assopros esforça iradamente
Com que nos fez vencer a grão corrente.»

Donde se prova ella ter sido observada pelos nossos primeiros navegadores.

Pelas 8,15 da noite começaram a vêr-se nas nuvens os reflexos do farol do Cabo das Agulhas, que ás 10,30 se marcou pelo travez a 5 milhas. Continuámos ao longo da costa com muito bom tempo á vista dos differentes faroes. Pouco depois da meia noite estavamos em communicação telegraphica com o cruzador inglez *Hermes*, em Simons bay. A's 6 horas da manhã do dia 2, contornámos o Cabo da Boa Esperança e seguimos ao longo da costa a demandar a bahia da Meza, onde ás 11 horas mettemos o pratico, salvámos á terra e entrámos no porto artificial ficando amarrados ao molhe de leste.

O carvão que mettemos no Natal ainda deu melhor resultado do que esperavamos. O consumo não chegou a ser superior a 10 por cento ao do bom carvão Cardiff. Com duas caldeiras e para uma velocidade media de 10',4 gastamos á razão de 84,6 kilogrammas por milha, o que, ao preço de 16 shillings a tonelada, corresponde a 305 réis por milha navegada.

Pelos documentos existentes a bordo vimos ser esta a primeira vez que este navio, n'esta região, navega a menos de 1:000 réis por milha. Considero uma estravagancia queimar carvão Cardiff na Africa do Sul.

Capetown, 2—2—911.

De Cape Town a Angra Pequena (Luderitzbucht)

Apesar de Cape Town se considerar a porta principal (Front door) da Africa do Sul, o facto é que o augmento do commercio do interior pouco tem beneficiado esta cidade, ao passo que os portos do leste, Port Elisabeth, East London, Durban, Lourenço Marques e Beira prosperam enormemente.

A' parte os paquetes de mala, o movimento do porto é pequeno e não se torna por emquanto necessario o augmento das dokas de fluctuação, projectado. Cape Town, fundada em 1652 pelo primeiro governador hollandez Van Riebeek, é hoje uma bella cidade com uma popnlação de 77:668 habitantes, dos quaes 44:203 pertencem á raça branca; occupa uma area de 2:423 kilometros, tem 133 kilometros de ruas, 22 de tramways electricos e 210 de canalisação de despejos e drenagem.

A administração das cidades inglezas da Africa do Sul é muito interessante por terem posto em pratica as ideias socialistas n'aquillo que é possivel e tem de bom.

O seguinte quadro mostra o numero dos habitantes e os encargos das differentes municipalidades:

Cidades	População branca	Dividas	Divida por habitante
Port Elisabeth.	21.277	£ 766 c82	£ 36
Pretoria.....	21.000	1.000.000	47
Durbau.	30.000	2 540.000	84
Cape Town...	60.000	2.926.950	48
Bloemfontein..	12.000	972.977	81
Maritzburg	16.000	1.000.000	62
East London..	13.000	380 000	29

Considerando que a população de côr quasi não paga impostos, póde avaliar-se os pezados encargos que pezam sobre os brancos. Os impostos directos são bastante elevados, em media de 2 1/2 pence por libra de capital, mas as populações não se queixam habituadas como estão á carestia da vida no paiz do ouro e dos diamantes. As municipalidades equilibram facilmente os seus orçamentos devido a usufruirem as receitas dos serviços publicos, quasi todos a seu cargo. Quasi todas administram os serviços dos tramways, illuminação, abastecimento de agua, despejos, mercados, banhos, lavadeirias, matadouros, cemiterios, parques, bibliothecas, museus e divertimentos publicos. Todos estes serviços, administrados por gente competente e bem paga, produzem importantes receitas.

Em Durban dão um lucro de £ 90.000 por anno, e em Pretoria, da receita total, que é de £ 190.000, só £ 48.000 provém dos impostos. Cape Town tem uma receita de £ 536.000, mas só £ 151.000 são devidas aos impostos e Johannesburg, que tem £ 709.000 de receita, só pede contribuintes metade d'essa quantia. São tambem as municipalidades proprietarias de vastos terrenos que alugam e vendem dentro e fóra das cidades.

O minimo que se paga nos tranways são geralmente 60 réis (3 pence) e o custo da electricidade para illuminação varia de 6 pence a 1 shilling por kilowatt e para força motriz de 1 a 5 pence. Estes preços são bastante elevados mas estão de accordo com a riqueza d'este paiz onde se póde dizer que a moeda de cobre não existe. Tem dado tão bom resultado esta administração municipal, que se procura estendel-a a outros serviços publicos: varias cidades teem agora padarias municipaes e começa a installação de leitarias.

E' curioso que, predominando na Africa do Sul a influencia do capitalismo e uma certa aristocracia, seja aqui que as idéas mais democraticas e socialistas tenham sido mais vantajosamente postas em pratica.

Para se fazer uma idéa da importancia actual da Africa do Sul basta dizer que o orçamento agora publicado para 1911-1912 é de £ 16.165.958, ou seja mais de oitenta mil contos de réis.

Em Cape Town entrámos para dentro da doka e amarrámos á «east jetty». Tendo de proceder a uma limpeza interior dos tubos das caldeiras, não nos pareceu prudente ficar no fundeadouro exterior que não é seguro sem poder dispor da machina. Além d'isto, precisavamos proceder a reparações na caldeira auxiliar, o que nos privava de luz, e do escaler a vapor. Amarrados ao caes, obtivemos que o porto nos fornecesse electricidade da sua estação central, pagando £ 11.10.9, o que é inferior ao que nos custaria o funccionamento da nossa caldeira auxiliar. Consumimos em media 40 kilowatts por noite ao preço de 8 pence.

Apenas no dia 2 de fevereiro amarrámos ao caes, veio a bordo o consul de Portugal, general Ferreira de Castro, em companhia do qual visitámos lord Gladstone, alto comissario, general Botha, primeiro ministro, sir Frederick W. Smith, «mayor», e sir N. Frederic de Waal, governador da cidade, visitas que me foram retribuidas.

No dia 6, fui convidado pelo primeiro ministro Botha para um *lunch* no Palacio do Parlamento,

O ENSINO PRATICO

Visita dos alunos dos liceus á Fabrica de Chocolate Iniguez
No centro do grupo o sr. Manuel A. Iniguez

ao qual assistiram o seu secretario, o ministro das Finanças mr. Hull, o ministro do Commercio e Industria e o coronel Scott. A convite de s. ex.ª, assisti, da sua tribuna, a parte da sessão da camara. Fallando a maioria dos membros em hollandez, lingua que desconheço, não pude apreciar a discussão em que se tratava das doenças do gado. Mettemos 126 toneladas de carvão do Natal a 23 shillings posto nos paioes. No dia 7, fui convidado pelo lord Methuen, commandante em chefe das tropas da Africa do Sul, para um *lunch* no Civil Service Club, ao qual assistiram varios officiaes de terra e mar. Troquei visitas com o contralmirante Paul Warner Bush, commandante da Estação do Cabo, em Simonstown, onde fui convidado para um *lunch* no dia 8. Estiveram a bordo a cumprimentar-me o captain H. J. Savill, commandante do navio almirante *Hermes*, e os consules da Hollanda H. van Oordt van Lauwenrecht e de Hespanha Luis Rubio Amoedo. No dia 11 convidei lord Methuen e o seu ajudante *captain* L. E. Beecher para um *lunch* a bordo, ao qual assistiu o consul de Portugal, e no dia 13 o almirante Bush e mrs. Bush para um chá, visto suas ex.as me terem telegraphado de Simonstown dizendo que me desejavam visitar n'esse dia.

Tendo concluido a limpeza das caldeiras e recebido informações do governador interino da provincia de Moçambique dizendo não ser ali necessario o navio, partimos de Cape Town pelo meio dia de 14 logo depois de receber a mala chegada da Europa essa manhã. Fóra do porto, ceu limpo e muito bom tempo. Das 4 ás 6 horas da tarde passámos á sombra da ilha Dassen para fazer uma tabella de desvios, continuando em seguida a navegar em direcção á Angra Pequena (Luderitzbucht). Amanheceu o dia 16 com nevoeiro muito espesso o que é vulgar n'esta região. Prumámos de hora em hora, e ás 9 a. m., como o nevoeiro começasse a levantar, aproámos á terra reconhecendo a costa ao longo da qual seguimos. Ao meio dia determinámos a latitude, 26º 49′ Sul e pouco depois avistámos o farol de Dias Point, á entrada de Angra Pequena. Pela 1,15 fundeámos no porto interior Robert Harbourn com 40 braças de amarra em 5 de fundo.

(Continúa.)

A. Pinto Basto.
Capitão de fragata

O Ensino Pratico

Os estudantes dos Liceus de Lisboa teem feito visitas a varios estabelecimentos industriaes, como meio instrutivo e educativo para o conhecimento pratico da laboração de diferentes industrias.

ESCOLA OFICINA N.º 1 — Grupo de alunos com os professores — Exposição de trababhos dos alunos

Uma dessas visitas realisou-se na fabrica de chocolate Ignez, onde o seu proprietario recebeu, com toda a urbanidade, os visitantes, e lhes explicou, em presença dos maquinismos, toda a complicada laboração daquella industria.

Estas visitas, de ha muito adotadas nos centros mais adeantados da instrução lá fóra, constituem para os estudantes lições praticas de grande aproveitamento.

Sob este ponto de vista registamos tambem os progressos feitos na Escola Oficina n.º 1, mantida pela Sociedade de Asilos, Creches e Escolas, creada por sua iniciativa.

Esta escola de ensino literario e profissional realisou agora uma exposição dos trabalhos dos seus alunos, que são uma bela e evidente prova do ensino pratico que ali se ministra.

O 31 DE JANEIRO NO PORTO

O CORTEJO PASSANDO ANTE O MONUMENTO DOS VENCIDOS, NO CEMITERIO DO REPOUSO *(Cliché E. Biel)*

O 31 de Janeiro no Porto

Esta data, que em Lisboa passou um tanto desapercebida em consequencia da perturbação da ordem publica motivada pela *greve* geral, foi celebrada na cidade do Porto com entusiasticas manifestações, sendo a mais significativa o grande cortejo, em que se incorporaram todas as forças vivas da laboriosa capital do norte.

O cortejo, em que tomaram parte tambem os voluntarios, formou-se na Praça da Republica donde se dirigiu ao cemiterio do Repou.

A «GREVE» GERAL EM LISBOA — OS GREVISTAS ASSALTANDO UM CARRO ELETRICO EM ALCANTARA
(Cliché da «Mala da Europa»)

so, seguindo pelas principaes ruas da cidade que estavam embandeiradas e com muitos predios afestoados de flôres em festa nacional, sendo grande a concorrencia de povo a assistir á sua passagem durante mais de uma hora.

Chegado o cortejo ao cemiterio ali desfilou lentamente ao som das musicas que tocavam a *Portuguêsa*, ante o monumento dos vencidos da revolução de 31 de janeiro, em respeitosa continencia. Muitas das entidades que formavam o cortejo depuzeram no monumento ramos de flôres e cartões com palavras de saudação.

Foi uma manifestação imponente que decorreu na melhor ordem e com entusiasmo, não obstante a chuva por vezes prejudicar seu maior brilho.

A «grève» geral em Lisboa

Quando este numero do OCCIDENTE sáe a publico já toda a cidade tem voltado á normalidade da sua vida habitual, e os nossos leitores estarão suficientemente informados, pela imprensa diaria, do que ocorreu em Lisboa nos ultimos dias de janeiro, motivo porque só muito sumariamente vamos registar o acontecido, arquivando-o neste repositorio da historia.

Nos ultimos dias de janeiro manifestou-se em Evora uma *grève* dos trabalhadores ruraes sob o pretesto dos patrões ou lavradores faltarem ao que haviam prometido áqueles com respeito a salarios.

Os trabalhadores vieram para a cidade em atitudes agressivas, na disposição de invadirem os estabelecimentos e casas particulares, para os saquearem, como lhe haviam aconselhado certos individuos.

O governador civil, com a força armada de que dispunha e a que requisitou de Lisboa, fez dispersar os *grevistas*, prendendo os cabecilhas, e mandou fechar as associações operarias, onde constava ter-se preparado esta *greve* tumultuaria e agressiva.

Estes acontecimentos de Evora tiveram a sua reprecursão em Lisboa, onde a União dos Sindicatos Operarios se colocou ao lado dos *grevistas* ruraes, tentando a *grève* geral na cidade emquanto não fossem atendidas pelos poderes publicos as reclamações que formulou:

Soltura dos *grevistas* presos em Evora;

Abertura das associações mandadas fechar pela autoridade;

Demissão do governador civil·

O governo, devidamente informado do ocorrido em Evora, e no desejo de conciliação, atendeu, em parte, as reclamações do Sindicato, dando ordem para serem soltos os presos que se reconhecesse não terem responsabilidade de promotores da *grève*, mandando que sem demoras, se instaurasse processo aos responsaveis que poderiam ser afiançados, e premetindo a reabertura das associações.

Como esta resolução do governo não satisfez completamente as reclamações do Sindicato, e este proseguiu na sua tentativa de *grève* geral, que se manifestou na cidade, na manhan do dia 29 de janeiro.

As primeiras violencias manifestaram-se de facto naquela manhan, principiando os *grevistas* por se opôrem á circulação dos carros elétricos, impedindo-lhe a sahida da estação de Santo Amaro e lançando bombas explosivas sobre um carro, que um guarda-freio, mais afoito, ainda fez andar até á rua de S. Joaquim, valendo-lhe o ser ferido nas mãos e na cara assim como o condutor, e o carro ficar com o tejadilho da plataforma destruido.

Pela cidade espalharam-se grupos de *grevistas*, indo ás fabricas e oficinas intimar aos operarios para largarem o trabalho. Nas ruas, intimavam os trens e automoveis a recolherem-se, não os deixando circular·

As fabricas e oficinas cessaram a sua laboração, mau grado de muitos operarios que queriam trabalhar, e das autoridades mandarem a guarda republicana e policia guardal-as, mas os proprietarios, para evitar maiores violencias e conflitos, houveram por bem fechal-as.

Assim se conservou Lisboa dois dias sem o habitual movimento de carros elétricos ou outros quaesquer veiculos de passageiros, sem jornaes e no risco de não ter carteiros nem boletineiros do telegrafo, pois estes ultimos abandonaram o serviço, sendo, contudo, logo substituidos por bombeiros municipaes. As casas de espetaculo tambem fecharam todas, duas noites.

Ao passo que isto acontecia, na séde da União dos Sindicatos Operarios, recentemente estabelecida no antigo palacio dos marquêses de Pombal á rua do Seculo, reunia-se grande numero de operarios, onde se descutia acaloradamente e se tomavam resoluções para sustentar a *grève*. Nas ruas continuavam conflitos e lançavam-se bombas ameaçadoras num ou noutro ponto da cidade.

Entretanto, pelo que fica exposto, facilmente se compreende que a *grève* era forçada por instigadores, mais parecendo fomentar uma revolução, do que defenderem os seus interesses economicos.

SÉDE DA UNIÃO DOS SINDICATOS OPERARIOS, NA RUA DO SECULO: ASPÉTO NA MANHAN DE 30 DE JANEIRO

(Cliché da «Mala da Europa»)

Este estado indicava naturalmente medidas energicas e imediatas do governo, e assim, pela tarde do dia 30 o *Diario do Gaverno*, publicava um decreto suspendendo as garantias constitucionaes no distrito de Lisboa.

Poucas horas depois era distribuido e afixado nos logares publicos o seguinte edital:

O general Antonio do Carvalhal da Silveira Telles de Carvalho, comandante da primeira divisão do exercito e da primeira circumserição militar, faz publico que pelo governo da Republica foi decretado o estado de sitio, e suspensas totalmente as garantias constitucionaes no distrito de Lisboa e entregue ao governo militar o governo da cidade e a manutenção da ordem publica.

Nestas condições, convido todos os cidadãos pacificos a recolher a suas casas depois das suas ocupações durante o dia, e á noite depois do toque de recolher nos quarteis.

Não são permitidos ajuntamentos nas ruas e praças publicas, os quaes serão dissolvidos pelo emprego das armas, depois de empregados os meios suasórios.

E' absolutamente garantida a liberdade de trabalho.

Quartel general da primeira divisão, 30 de janeiro de 1912.

Antonio do Carvalhal da Silveira Telles de Carvalho, general.

Pela madrugada do dia 31, forças militares de terra, da marinha, de batalhões voluntarios e carbonarios, sob o comando do major sr. Simas Machado, ocuparam as cercanias da séde do Sindicato, fazendo um completo cêrco, emquanto a policia foi intimar os individuos que ali estavam a sahirem. Não sendo atendidas a primeira e segunda intimações, foi feita uma terceira estando já aproximadas do edificio algumas forças de infantaria com as armas apontadas.

Então principiaram a sahir as pessoas que lá estavam, homens, algumas mulheres e creanças, ao todo cerca de 600, e, debaixo de prisão, seguiram para o Arsenal de Marinha, donde uma parte foi para bordo da fragata *D. Fernando* e outra para o *Pero de Alemquer*.

Realisaram-se ainda mais prisões, sendo aproximadamente 1:000 o numero total dos presos. Entre êles contam-se como mais importantes e conhecidos os srs. José de Azevedo Castelo Branco, Antonio d'Albuquerque autor do livro *Marquês da Bacalhôa*, Miguel Bombarda, Jorge Coutinho, Sebastião Eugenio, José Maria Gonçalves e Raul Placede, espanhol.

Para se avaliar da prudencia com que a ordem foi restabelecida, basta notar que não houve mortes e apenas alguns ligeiros ferimentos produzidos por uma outra bomba, como referimos.

Lisboa voltou á sua vida habitual, trabalhando todas as fabricas é oficinas, havendo jornaes e espectaculos e circulanno livremente todos os veiculos.

O MEZ METEOROLOGICO

Janeiro de 1912

Barometro — Max. altura 773mm.7 em 3.
» Min. altura 752mm 6 em 23.

Se exceptuarmos a primeira semana, no restante do mez, o nivel barometrico esteve sempre inferior ao normal, devido ás grandes depressões que invadiram a nossa costa.

Termometro — Max. altura 16°.3 em 11.
» Min. altura 5°.1 em 14.

A temperatura foi, em geral, elevada, como consequencia do primeiro facto citado.

Nebulosidade — Ceu limpo ou pouco nublado 7 dias.
» » nublado 16 dias.
» » encoberto 8 dias.

Horas de sol descoberto — 115 h. e 36'.

Chuva — 111mm.1 em 18 dias, sendo abundante em 15 (18mm.2), 20 (14mm.2), 21 (15mm.0) e 29 (14mm.0).

Nevoeiro — Em 20 e 22.

Trovões — Em 21.

Errata — No mez de dezembro de 1911, leia-se alturas da chuva 122mm.8 em 17 dias, em vez de 118mm.7.

O Semeador. — *Boletim da Associaçao Central da Agricultura Portuguêsa.* Recebemos o n.º 10, correspondente a outubro do ano passado, desta util publicação cujo sumario é o seguinte: Sementeira — Solo e planta — Animaes da Granja — Artes agricolas — O que a terra dá — Nos mercados — Associação agricola, etc.

Calendario da Fabrica de Bolachas da Pampulha para 1912. — Conforme os mais anos. esta acreditada fabrica, das mais honrosas tradições na sua industria, que seu fundador, Eduardo Costa e seu sucessor Inacio Costa, elevaram á maior perfeição dos seus produtos, brindou agora os seus clientes com um lindo calendario primorosamente colorido em cromo representando um quadro da *Proclamação da Republica no Palacio das Côrtes*, emoldurado em uma composição alegorica de belo efeito, onde se vê na parte inferior o retrato de Inacio Costa, que faleceu o ano passado, testando aos seus empregados de escritorio e operarios a sua fabrica.

Este facto, além de mostrar os sentimentos altruistas do finado proprietario, é ao mesmo tempo um grande exemplo pratico de socialísmo. Nestas circunstancias, os herdeiros formaram uma sociedade por quotas, que continua explorando a fabrica, continuando tambem no proposito de a fazer progredir como foi sempre o empenho dos seus fundadores.

Chronicas Lyricas

Teatro de S. Carlos

As recitas com a insigne cantora Ester Mazzoleni

Depois da estreia da distincta cantora Ester Mazzoleni na *Gioconda*, a que já no ultimo numero nos referimos com sincero agrado, em virtude dos disturbios que encheram de susto a nossa capital, o theatro esteve fechado durante uma semana. Por isso hoje não tenho nenhuma opera nova a criticar, a não ser dizer que a reabertura foi outra vez com a *Gioconda*, alcançando a Mazzoleni novos triumphos.

Ester Mazzoleni que hoje na scena lyrica occupa um logar de destaque, pertence a uma familia distincta de Italia, contando no gremio dos

Ester Mazzoleni

seus antepassados artistas distinctos como foi foi seu tio Francisco Mazzoleni, um tenor celebre.

Ester Mazzoleni que agora veiu corôar a sua brilhante carreira pisando o palco do nosso S. Carlos, tem corrido os maiores theatros de Italia, como os principaes theatros da America. Foi a cantora escolhida para ir cantar na *Grande Opera* de Paris, a *Vestale* em beneficio das victimas da Calabria e Sicilia.

Mazzoleni além da sua linda voz e magnifica escola de canto, possue um enorme talento de actriz, como raras vezes temos visto. A sua escriptura para o nosso theatro tem sido um verdadeiro acontecimento; a opera *Gioconda* alcança sempre novos applausos, sendo Mazzoleni chamada com enthusiasmo.

Esta distincta cantora ainda cantará a *Tosca* e talvez a *Norma*, um dos seus maiores triumphos artisticos.

No proximo numero fallaremos provavelmente da *Favorita*, e *Tosca*.

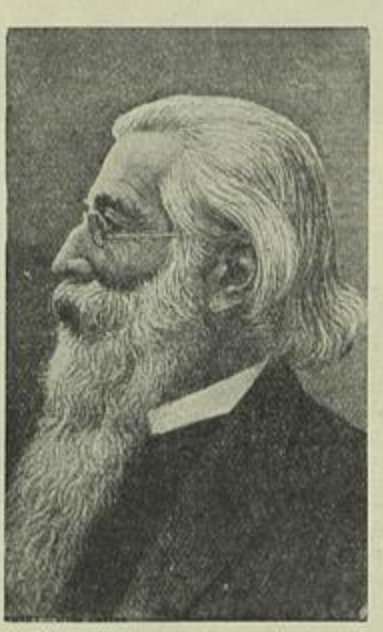
Alfredo Pinto (Sacavem).

NECROLOGIA

Dr. Azevedo d'Albuquerque

Faleceu na cidade do Porto, no dia 21 do mez findo, o dr. Joaquim de Azevedo e Silva Albuquerque, lente jubilado da Academia Politecnica daquela cidade, matematico de nomeada, que foi um grande professor e um grande democrata, pronto sempre a defender o seu ideial, como por muitas vezes o fez nas assembleias ou na praça publica, junto do povo, que o aclamava.

Era um espirito avançado, um grande caracter que se impunha, tanto pelos seus actos como pe-



Dr. Azevedo de Albuquerque

los cabelos brancos que de ha muito lhe alvejavam na fronte respeitosa e respeitada.

O dr. Azevedo d'Albuquerque foi nomeado lente da primeira cadeira da Academia Politecnica, por decreto de 7 de setembro de 1876, e desde então até jubilar-se, ha poucos annos, ele ensinou a sua ciencia a muitos discipulos, que chegou a vêr ocupar altas posições sociaes, e como ele sentarem-se nas catédras do magisterio superior.

Deixou varias obras didaticas, entre élas *Curso completo de mathematicas elementares; Tratado das determinantes; Lições de mecanica; Teoria dos mecanismos de Reuleux*, etc.

O dr. Azevedo de Albuquerque faleceu com cerca de 80 anos.

Jardim de Lisboa

A nossa capital vae em cada dia afirmando o seu progresso, muito principalmente em estabelecimentos, tão modernos como luxuosos.

Neste numero conta hoje mais um estabelecimento importante, o Jardim de Lisboa, cujo nome não podia ser mais apropriado, pois de facto o visitar esta casa, é o mesmo que estar num jardim das mais mimosas e exoticas flores e plantas do nosso país e muito particularmente de outros paises, encontrando-se ali as plantas e flôres mais raras a par de sementes de varias especies e dos melhores frutos se possam desejar.

Foi em fins de dezembro que o sr. J. Peixinho, bem conhecido e antigo florista da rua do Carmo, inaugurou o Jardim de Lisboa, na rua Garrett, 68, um esplendido estabelecimento de completa novidade e mais um atrativo da nossa capital.

PELOS TEATROS

República

Deixemos aos moralistas puritanos que manifestem a sua incompatibilidade com a Arte.

A Bossuet, que no seu furôr cristão se abstenha da música por saber *as funestas impressões* que ela póde produzir nos espíritos.

A alguns implacaveis portuguêses que condenem Loïe Fuller por se servir de crianças para as suas dansas clássicas, o que reputam uma exploração torpe.

A religião cristã combatendo primitivamente o teatro teve, contudo, de se submeter apezar dos esforços dos seus enérgicos defensôres.

E a moral que têmos de usar não é a moral religiosa, nem a moral filosófica mas sim aquela qúe estabelece um têrmo médio na moral doutrinária.

O mal existe em toda a parte. As sociedades estão corrompidas até ao extrêmo.

Campeia o vício e ísto presupõe civilisação. Píor que isso a hipocrísia.

O teatro é reprodução da vida com todas as suas lutas e as suas paixões.

Elas têm de ser descritas vigorosa e nítidamente para nos interessarem.

A observação de costumes e de factos caracteristicos de uma sociedade muito póde aproveitar no ponto de vista moral para aquêles que tenham uma alma recta e uma inteligencia cultivada com princípios sãos. Para os corruptos e viciosos isso pouco importa.

Impossivel é em meia duzia de linhas tratar de um assunto tão complexo como êste e nem eu pretendo fazê-lo.

Veiu isto ao caso por ter de me referir à peça que acaba de se representar no República, com o título de *A melhor das mulheres*.

A peça de Billaud e Hanequin, traduzida por Carlos Trilho, é essencialmente bôa.

E' uma crítica mordaz de certas pessôas que encobrem os seus vícios com a capa da Caridade.

O amôr que nos nossos dias é quasi puramente fisiológico só com essas tendências póde ser apresentado em teatro, arriscando-se a ser tratado como anomalia se pretender entrar no dominio do sentimento.

Desde que se exclua êste e o ideal se transforme em capricho ou desejo passageiro, tudo é permitido.

A decadência da crença religíosa, a intensidade de vida nos grandes centros, as ideias modernas produzíram êste espírito geral de licenciosidade.

Não nos podêmos admirar pois do caracter immoral desta peça visto que ela reproduz um caso que é vulgarissimo.

A melhor das mulheres é uma senhora em extrêmo caritativa e esmoler, um modêlo de virtude, segundo a voz geral.

O que ela pensa verdadeiramente da Caridade, da maneira como se deve exercer, não no-lo dízem os brilhantes escritôres. Sabemos que ela teve um amante que casou e que agora vive muito feliz. Tem depois um outro que se vem a apaixonar por uma rapariga das relações dela e ei-los separados sem grande custo, com uma frieza espantosa em que apênas a vaidade da mulher sofre.

Ela deixa de exercer a Caridade quando o marido cançado da vída estroína se resolve a cooperar nas suas obras de beneficência.

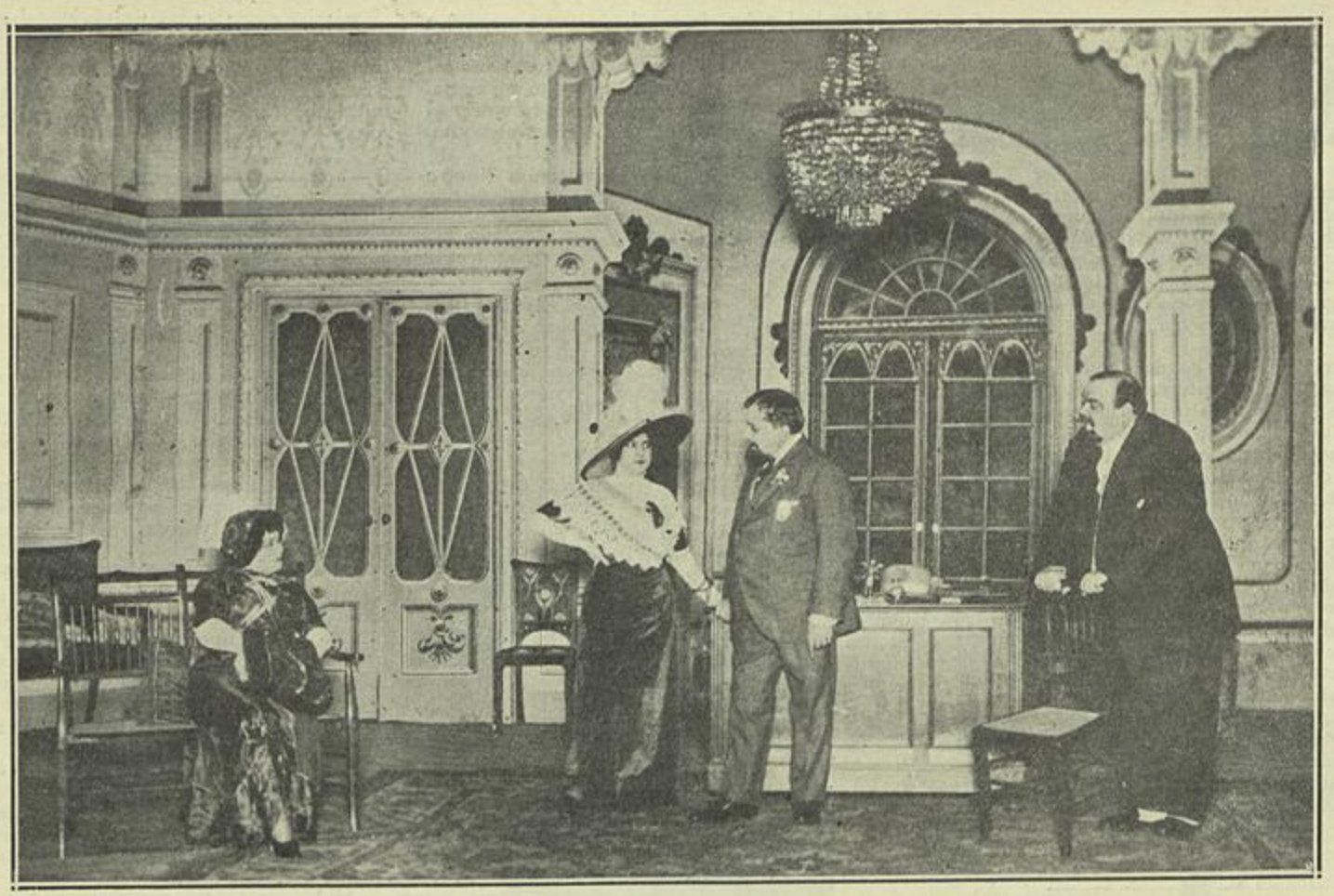
Deve ter sido êste o motivo porque ela deixou de pensar no infortúnio alheio e não o caso do mendigo-gatuno que pensou proteger.

Ocupado o marido com êsse trabalho ela terá assim toda a liberdade.

A admiravel estrutura da peça e os seus ditos espírituosos deixaram-nos uma impressão excelente.

As suas scenas são verdadeiras, reais, quotidianas.

E' bem teatro moderno e não sendo deliquescente tambem não se recomenda pelo alevantado da ideia.



THEATRO REPUBLICA — «A MELHOR DAS MULHERES» — 3.º ACTO
(Cliché Alberto Lima)

E' simplesmente uma fotografia do natural.

E quizeramos sempre que isso fôsse reproduzido com a mêsma fidelidade e tratado com a mêsma fronia concludente.

O desempenho excelente da parte de Emilia de Oliveira, Aura Abranches, Jesuina, Augusto Rosa e Chaby, que tinham os principais papeis.

Coliseu

Depois de nos ter apresentado as operêtas de maior sucesso dêstes últimos tempos, francêsas e alemãs, a Companhia Citta di Firense que ha bastante tempo se encontra no Coliseu a contento do público que alí assiste, por um preço diminuto, a espectáculos na rialidade muito bons, fez agora subir à scena uma operêta genuinamente italiana, intitulada os *Granadeiros de Napoleão*, de Vicenzo Valente.

O seu entrêcho é interessantissimo e toda a peça é cheia de ditos picarescos e graciosos que provocam naturalmente o riso em todos os espectadôres.

A música é lindissima, muito leve e delicada, sendo alguns dos seus números verdadeiramente primorosos como a valsa do 2.º acto.

E é bem música italiana que nos veiu aliviar do cançado tema das operêtas viennenses. O desempenho andou a par do valor da peça e foi o mais correcto possivel da parte de todos os artistas que nela entram que são: Lina Sartori, Bianca Bagnoli, Alda Bubino, Dante Forconi, Pecori, Bagnoli e Pietro di Ponti.

Especialisaremos o trabalho de Lina Sartori que é, sem dúvida, uma bela actriz que nós já admiramos na *Princeza dos Dollars* e na *Patifa da Primavera*.

Deu ao seu papel um brilho excepcional que contribuiu para que assistissemos a um espectáculo magnifico.

A. N.

Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO & C.ª

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE—CAKULA

Novo producto reconstituinte e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Onde todos devem comprar SAPATARIA PORTUGAL

DE A. Almeida e Costa

Rua dos Poiaes de S. Bento, 27 a 27-A — LISBOA

Almanaque Illustrado do «Occidente»

PARA 1912

Está publicado e recebem-se encommendas, na Empresa do "Occidente" Largo do Poço Novo — LISBOA

PARA LEVANTAR OU CONSERVAR AS FORÇAS

Vinho Nutritivo de Carne de Pedro Franco & C.ª, Lisboa. *Unico* legalmente auctorisado pelos governos e auctoridades sanitarias de Portugal e Brazil e premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições. Centenares dos principaes medicos garantem a sua efficacia na *debilidade*, na *pobreza do sangue* (anemia), na *convalescença de todas as doenças* e *sempre que é preciso levantar as forças*. E' muito usado ao *lunch* e ao *toast* pelas pessoas de constituição fraca e pelas robustas, que teem excesso de trabalho intellectual ou physico. Um calix d'este vinho representa um bom bife. A' venda nas pharmacias.

Capas para a encadernação dos volumes do «OCCIDENTE»

Em percalina com lettras a ouro, encadernação de luxo

Ha capas para todos os annos, eguaes na cor para collecções.

Capa 800 réis
Capa e encadernação 1$200